

O SENHOR DÁ PÃO PARA OS FAMINTOS: ESTUDO DO SALMO 146

Rogério Goldoni Silveira*

Resumo

O presente artigo propõe o estudo do Sl 146, enfatizando o tema da fome e alimento, pois este é um dos salmos que rendem louvores ao SENHOR por Ele ter dado pão/alimento ao seu povo. O conflito fome versus alimento está presente no Saltério. E diante do “milagre” do alimento, o povo eleva seu louvor, entrevendo a existência de pessoas famintas, malvados desatentos à realidade da fome e revelando que este louvor é constituído a partir de uma experiência, e não mero dado etéreo. Após o invitatório inicial (v. 1-2), o Sl 146 apresenta a tensão entre nobres e o SENHOR (v. 3-5). Pouco é dito a respeito deles, enquanto o v. 5 rege uma seção (v. 6-9) em que muito é dito acerca do SENHOR, com especial destaque para sua ação, caracterizada com o emprego de nove verbos participípios que destacam uma ação sempre contínua do SENHOR e apresentam um Deus que “é” e “faz”. Junto a três verbos no yiqtol (v. 9bc.10a), constituem-se em doze atributos do SENHOR, revelando que a perfeição contida nesse número deve ecoar na sociedade através do cuidado dos grupos mais vulneráveis.

Palavras-chave: Sl 146. Fome. Alimento. Experiência.

Abstract

The purpose of this text is to study Psalm 146, emphasizing the subject of hunger and food, as this is one of the Psalms rendering praise to the Lord for giving bread/food to his people. The conflict between hunger versus food is presented in the Psalter. Facing the “miracle” of food, the people raise their praise, interviewing the existence of hungry people, evil ones not paying attention to hunger reality and revealing that their praise is constituted since an experience and not just from an ethereal data. After

* Mestre em Teologia Bíblica (PUC-Rio) e Professor de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Londrina).

this first invitation (vv. 1-2), Sl 146 shows tension between royalty and the LORD (vv. 3-5). Very little is mentioned about them, although v. 5 rules one section (vv. 6-9) where is mentioned a lot about the LORD. There are special highlights about his action, characterized by the use of nine participle verbs that show an always continued action of the LORD and presents a God that “is” and “does”. Along with the three verbs in yiqtol (vv. 9bc.10a) there are twelve qualities for the LORD, revealing that the perfection contained in this number must echo in society through the care of the most vulnerable groups.

Keywords: *Psalm 146. Hunger. Food. Experience.*

1. Introdução

Longe de apresentar ideias ou tratados etéreos, o Saltério revela a perspectiva de um povo que experimentou a ação salvífica do SENHOR. Por isso, os salmos, nos variados gêneros literários, possuem a linguagem própria da experiência.

Fome e alimento são situações que acompanham a existência da humanidade. Louva-se pela abundância, ou denuncia-se pela privação do alimento. E entre tantas situações, que fazem o salmista e/ou o povo render seu grande louvor (*halêlû-yah*), uma é a superação da fome: de um lado, alguns salmos denunciam a situação de fome do povo e, por outro lado, anunciam que o SENHOR é quem dá o alimento para o faminto.

O Sl 146 eterniza essa situação existencial na frase “[o SENHOR] dá pão para os famintos” (Sl 146,7b). Ao mesmo tempo em que denuncia o vazio compromisso dos poderosos (Sl 146,3), anuncia a ação do SENHOR em favor do seu povo desprovido de justiça, de liberdade e de fome.

Nessa perspectiva, este artigo introduz o tema da fome e alimento no Saltério e aprofunda a discussão no Sl 146 com o intuito de iluminar a reflexão e ação dos fiéis que constatarem o contraste entre grande produção de alimento no mundo e tanta gente acometida pela fome.

2. O SENHOR é quem dá o alimento e sacia a fome: reflexões preliminares a partir do Saltério

Entre tantos temas apresentados no Saltério, a questão da fome e do alimento é uma das mais repetidas, seja com tons de *denúncia* “os que devoram meu povo como se devorassem pão não invocam o SENHOR¹” (Sl 14,4; 53,5); de

1. Neste artigo, o nome “SENHOR”, com letras maiúsculas, refere-se ao Tetragrama Sagrado “YHWH”.

dúvida, fruto do murmúrio do povo que perguntava “será também [o SENHOR] capaz de dar pão, aprovisionar inclusive carne para seu povo?” (Sl 78,20; cf. Sl 78,17-20); de *lamento* “o pão das lágrimas nos fazes comer...” (Sl 80,6; cf. Sl 42,4); de *recordação histórica* “e convocou a fome sobre a terra; cortou todo sustento de pão” (Sl 105,16); ou de *esperança* no SENHOR como aquele que sacia os pobres com o pão (cf. Sl 104,10-15; 132,15; 136,25a; 145,15-16).

No livro V do Saltério (Sl 107–145), os Sl 136 e 145 evidenciam a imagem do SENHOR como aquele que dá pão/alimento para seu povo. Uma ressalva: parece sugestivo o fato de essa ideia ser encontrada no livro V do Saltério, no qual há a continuação do programa régio do SENHOR inaugurado no livro IV (Sl 90–106), momento em que se considera, sob o ponto de vista da composição do livro dos salmos, o fracasso da monarquia (livros I–III do Saltério) e a mudança para o programa teocrático, caracterizado pelo reinado do SENHOR (Sl 90–106) (SILVEIRA, 2017, p. 20-21).

No Sl 136 os feitos do SENHOR são proclamados (v. 4-9: criação; v. 10-16: libertação da escravidão; v. 17-22: dom da terra; v. 23-25: resgate de Israel e dom universal da vida), e estes motivam a resposta *ki le ‘olam hasdô* – “porque para sempre é a misericórdia dele [SENHOR]”. E quando lembra o credo histórico e a situação dos israelitas (Sl 136,4-25) o Sl 136 apresenta na última subseção (Sl 136,23-25): o SENHOR “o que dá pão/alimento a toda carne” (Sl 136,25a).

Recorda-se, portanto, as grandes obras do SENHOR (Sl 136,4-24) e não é esquecido algo tão elementar: o alimento (Sl 136,25). E tudo isso faz a comunidade prestar o seu louvor que é enfatizado na resposta *ki le ‘olam hasdô*, repetida por 26 vezes no Sl 136. O *hesed* (misericórdia) do SENHOR exaltado no Sl 136 corresponde à sua ação favorável ao ser humano. Atesta-se, portanto, que o *hesed* do SENHOR não é ocasional, mas constante, não é etéreo, mas histórico-existencial.

Também o Sl 145,15 revela uma perspectiva relacional e existencial quando diz: “os olhos de todos para ti esperançosos se voltam e tu lhes dás o seu alimento no tempo oportuno”. O movimento de voltar os olhos para o SENHOR, dado pelo emprego do verbo preposicionado *el + sabar* (cf. Sl 145,15) corresponde ao anseio do povo faminto que se vê atendido e sustentado somente pelo SENHOR.

É como se toda esperança tivesse acabado, os pratos estivessem vazios e a ajuda não existisse, mas a expectativa no auxílio do SENHOR fosse latente, a ponto de o povo exclamar com certeza: “abres a tua mão e sacias todo vivente do desejado” (Sl 145,16). Mas em que consiste este “desejado”? Acerca disso, cabem duas considerações:

- a) O “desejado” de todo ser vivente é a manutenção da vida por meio de algo que é o mais básico: a superação da fome. Afirma-se isso pelo fato de o Sl 145,16 descrever as ações divinas como continuação ao Sl 145,15. E a ênfase recai sobre o sujeito enfático do texto (*'attah* – “tu” = SENHOR),

ou seja, salienta-se aquele que faz a ação: “e tu lhes dás o seu alimento no tempo oportuno” (Sl 145,15b).

- b) Na frase “abres a tua mão e sacias todo vivente do desejado” (Sl 145,16), o “desejado” (*razôn*) pode ser das criaturas, do SENHOR, ou dos dois? É possível afirmar que se trata do desejo das criaturas, ou daqueles que voltam o olhar cheio de esperança para o SENHOR. Mas também pode se referir à vontade do SENHOR, que vem até suas criaturas para saciá-las. Portanto, o desejo das criaturas, que é a manutenção da vida, encontra-se com o desejo do SENHOR, que é a vontade de fazê-las viver (TORQUATO, 2009, p. 217).

Observa-se, portanto, que o Saltério enfatiza a ação “fome zero” do SENHOR. A grandiosa ação criadora do SENHOR é lembrada, assim como a grandiosa condescendência de um Deus que “se enaltece para assentar-se e se abaixa para ver” (Sl 113,5-6) e, provendo algo tão básico como o alimento, “levanta do pó o necessitado e do lixo eleva o pobre” (Sl 113,7).

3. Fome e alimento no Sl 146

3.1. Estrutura do texto e gênero literário

As discussões mais atuais propõem os Sl 1–2 e 146–150 como uma moldura na macroestrutura do Saltério (MARTTILA, 2006, p. 200-201; WILSON, 2005, p. 231-232; TORQUATO, 2009, p. 386-388), fruto da “composição intencional do livro”². Essa consideração é importante para situar o Sl 146, no qual se encontra a frase que é o tema desse artigo: o SENHOR “dá pão para os famintos” (Sl 146,7b).

Entre os Sl 146–150 visualizam-se dados que apontam para uma composição planejada (WILSON, 2005, p. 231-232; KIM, 2008, p. 143-157): todos são hinos imperativos, emoldurados por *hal^elû-yah*, e contam com o emprego da raiz *hll* no primeiro versículo; há a expansão dos envolvidos no louvor, em movimento ascendente: o orante (Sl 146), Jerusalém (Sl 147), todo o cosmos (Sl 148) e o povo (Sl 149) e, para dirimir qualquer dúvida, todo ser vivo (Sl 150,6) (HOSSFELD; ZENGER, 2011, p. 605; TORQUATO, 2009, p. 447; De CLAIS-SÉ-WALFORD, 2014, p. 996).

A frase inicial *hal^elû napshî 'et-YHWH* – “louva, ó minha alma (*napshî*), o SENHOR!” (Sl 146,1) e a frase final *kol hann^eshamah t^ehallel yah hal^elû-yah* “todo ser que respira louve o SENHOR” (Sl 150,6) formam uma inclusão (LORENZIN, 2001, p. 536), e a recorrência da raiz *hll* caracteriza os Sl 146–150

2. “was auf gezielte, Buchkomposition’ hinweist” (ZENGER, 2016, p. 436).

como o “*hallel* final” (HOSSFELD; ZENGER, 2011, p. 6-7) ou doxologia final do Saltério.

Entre os elementos comuns que há entre o Sl 146 e o Sl 145, o tema do reinado do SENHOR é o principal: o SENHOR, o rei universal, é agora (no Sl 146) o rei de Sião (HOSSFELD; ZENGER, 2011, p. 616). Entretanto, enquanto o Sl 145 encerra o livro V (cf. Sl 107–145), o Sl 146 introduz o *hallel* final do Saltério³.

O Sl 146 apresenta uma moldura bem definida dada pelo emprego de um imperativo plural + o Tetragrama Sagrado (cf. v. 1a.10c) (*hal^elû-yah*) (CARL, 1994, p. 1). Nos v. 1b-2 predominam a 1ª pessoa, singular, no v. 3, a 2ª singular e no v. 10b a 2ª pessoa plural. De resto, nos v. 4-10a há o predomínio da 3ª pessoa, e é neste momento que os feitos e predicados do SENHOR são apresentados.

Segue a tradução proposta para o Sl 146:

1a	Louvai o SENHOR!
1b	Louva, ó minha alma, o SENHOR!
2a	Quero louvar o SENHOR em minha vida.
2b	Quero tocar para meu Deus enquanto eu existir.
3a	Não confieis em nobres poderosos,
3b	em um filho de humano no qual não há salvação.
4a	Quando sair sairá o espírito dele
4b	voltará para a terra dele.
4c	Nesse dia, fenecerão os planos dele.
5a	Feliz quem tem o Deus de Jacó no auxílio dele,
5b	cujas esperanças dele estão no SENHOR, Deus dele!
6a	É quem fez céus e terra,
6b	e (o) mar e tudo que há neles.
6c	Conserva a fidelidade para sempre,
7a	Faz justiça para os oprimidos,
7b	dá pão para os famintos.
7c	O SENHOR faz soltar os encarcerados.
8a	O SENHOR abre a vista dos cegos.
8b	O SENHOR endireita os curvados.
8c	O SENHOR ama os justos.

3. Parte-se da tese que não entende o Sl 150 como a doxologia final do Saltério, pois nele não há a fórmula doxológica que encerra os demais livros do Saltério (cf. Sl 41,14; 72,18-20; 89,53; 106,48), enquanto o Sl 145 apresenta todos os elementos que compõem a doxologia.

9a	O SENHOR guarda o imigrante,
9b	o órfão e a viúva ele restabelece,
9c	mas o caminho dos malvados torce.
10a	O SENHOR reina para sempre,
10b	teu Deus, ó Sião, de geração em geração!
10c	Louvai o SENHOR!

Os v. 1-2 constituem o invitatório inicial, no qual há a conclamação ao louvor feita em 2ª pessoa plural “louvai o SENHOR” (v. 1a) e em 1ª singular “louva ó minha *napshî...*” (v. 1b-2). Logo após, o v. 3 revela uma quebra em relação ao v. 2, que é dada pela partícula adverbial de negação *'al* – “não”.

Assim, o v. 3 inaugura a seção central do Sl 146 com o chamado a não depositar a fé nos nobres (v. 3-4), enquanto o v. 5 marca a contraposição com uma bem-aventurança que revela o SENHOR como aquele no qual deve ser depositada toda esperança e fé.

Em seguida, os v. 6-9 desenvolvem melhor essa bem-aventurança e o invitatório inicial, apresentando os motivos, ou seja, dando razão dessa conclamação ao louvor do SENHOR. E o v. 10 é um augúrio final que trata da eterna realeza do SENHOR.

O gráfico abaixo esclarece melhor como o Sl 146 está estruturado:

Seção I (v. 1-2)	v. 1a	Invitatório inicial
	v. 1b-2	Exortação ao louvor
Seção II (v. 3-9)	v. 3-4	Admoestação
	v. 5-9	Bem-aventurança
Seção III (v. 10)	v. 10ab	Eterna realeza do SENHOR
	v. 10c	Conclusão – Invitatório final

À respeito do gênero (*Gattung*) do Sl 146 os pesquisadores são praticamente unânimes em classificá-lo como um hino⁴. O gênero hino segue uma estrutura básica: após a *introdução*, uma seção central, geralmente definida pela partícula

4. Quanto ao gênero, o Sl 146 é assim classificado por alguns estudiosos: H. Gunkel (1983, p. 47) classifica-o como hino; H.J. Kraus (2014, p. 810-811) “hino de um cantor individual”; F.L. Hossfeld e E. Zenger (2011, p. 609) falam de “hymn to the universal Royal rule of YHWH”; T. Lorenzin (2001, p. 536) trata-o como “hino de um indivíduo que dá expressão ao louvor da comunidade”.

kî com função explicativa, momento em que são dados os motivos do louvor (GUNKEL, 1983, p. 71).

Outrossim, o SENHOR é o personagem principal, situação que explica o recorrente emprego da 3ª pessoa (cf. vv. 4-10a). No núcleo do hino, há proposições breves, mas com grande densidade, sempre expressando os grandes feitos do SENHOR e suscitando o entusiasmo. As orações nominais empregadas em um hino podem ser compreendidas como propriedades divinas (GUNKEL, 1983, p. 62-63).

Todos esses aspectos são fundamentais. Contudo, no decorrer das décadas, esse modo clássico de estruturar o gênero hino encontrou avanços, permitindo entender que o gênero não deve ser uma “camisa de força” para o texto.

Logicamente, uma boa análise do gênero possibilita uma correta compreensão da unidade textual (LONGMAN III, 1985, p. 57-61), mas também pode haver elementos que esclarecem mais seu conteúdo. Pensando nisso, pergunta-se: Que tipo de hino é o Sl 146? Propõe-se, para essa questão, uma resposta que vai um pouco além da clássica estruturação: trata-se de um *beschreibende Lob* (louvor descritivo).

O Sl 146 é, portanto, o louvor descritivo do indivíduo e da comunidade que dirige o seu grande louvor ao SENHOR por causa de seus feitos na história. Caracteriza-se, assim, por dois elementos básicos: a afirmação que o SENHOR “é” e “faz”.

3.2. O SENHOR dá pão para os famintos: análise e interpretação do Sl 146

Na primeira seção do Sl 146 o Tetragrama Sagrado (YHWH) é empregado três vezes (v. 1-2a), enquanto no v. 2b há o substantivo *'elohîm*. Constatase, pois, que o SENHOR é o centro desta seção. E a repetição do sufixo de 1ª pessoa (comum, singular – “meu”), faz do Sl 146 um hino pessoal no qual se expressa o louvor da comunidade (LORENZIN, 2001, p. 536).

Segundo a forma clássica de um *beschreibende Lob*, a segunda seção deveria ter uma explicação, ou algo que desse o motivo do louvor anunciado nos v. 1-2. Contudo, depara-se com uma forma negativa: “não confieis em nobres...” (v. 3a).

O v. 3 poderia ser caracterizado como um invitatório negativo (RAVASI, 2008, p. 934). Contudo, ele tem função antitética em relação ao v. 5. É comparada a fé nos nobres (v. 3-4) com a fé no SENHOR: a primeira é vazia, pois deles não há o que esperar, enquanto a segunda é sólida e digna de confiança.

O ser humano “filho de Adão”, no hebraico (*'adam*), vem da terra (*'adamah*). Da terra vem o “terroso” (feito da terra). Basta que o espírito (*rûah*) o deixe para que feneçam seus planos, assim como ele fenece (Sl 146,4).

Por outro lado, é “feliz quem tem o Deus de Jacó em seu auxílio”, e quem deposita esperança no SENHOR (Sl 146,5), pois a esperança nos nobres fenece tanto quanto os que a prometem, mas a esperança no SENHOR é sólida.

Além desse claro contraste temático entre os v. 3-4 *versus* v. 5, fala-se pouco sobre os “nobres”, apenas os v. 3-4. Por outro lado, a bem-aventurança do v. 5 inicia uma grande subseção que se estende até o final do Sl 146. Isto significa que não basta apenas lançar o paradoxo entre vazio poder dos nobres e o sólido poder do SENHOR, mas é preciso elencar todos os feitos do SENHOR.

Apresenta-se, então, o primeiro feito do SENHOR: a criação. Por meio do verbo hebraico *‘asah*, o v. 6 cria ênfase na ação do SENHOR: enfatiza-se a totalidade e universalidade da criação, descrita no paralelismo do v. 6ab, primeiramente com o *merismo* (SCHÖKEL, 1987, p. 105; WATSON, 1986, p. 321-324) “céus e terra” (cf. v. 6a). Em seguida, a partícula de objeto direto *’et*, traduzida por “e”, esclarece que o SENHOR é quem também fez “o mar e tudo o que há nele” (v. 6b).

Começar a “apresentação” do SENHOR por meio da fé na criação realça a esperança de Israel e ajuda-o a entender que, de fato, não se pode esperar muito dos nobres/poderosos (v. 3a), mas sim daquele que tudo criou.

Mas, não se realça somente a fé no criador. Antes, esse é um modo particular de afirmar que todo o conteúdo relacionado à criação está vinculado a questões concretas, que tocam a roda da história do povo do SENHOR (BRUEGGEMANN, 2007, p. 175).

Por isso, o salmista relaciona a ação criadora com a fidelidade do SENHOR (v. 6c), que se manifesta em situações concretas na vida do seu povo, apontando, portanto, para um feito carregado de existência. A fé na criação sedimenta a esperança e a fé do povo israelita.

Neste salmo não se impõe a obediência a Israel, mas que se recorde que a obra criadora do SENHOR não é força bruta, mas uma tarefa que busca e proporciona o bem-estar precisamente para os oprimidos, os famintos, os cativos, os cegos, os humilhados, os justos, os emigrantes, as viúvas e os órfãos (BRUEGGEMANN, 2007, p. 176).

Com uma sequência de nove orações com verbos no particípio ativo, os v. 6-9 se apoiam no v. 5, ou seja, é o Deus de Jacó/SENHOR (v. 5ab) quem tudo criou (v. 6) e manifesta sua fidelidade na história (v. 7-9). Além dos nove verbos participios, há três verbos no *yiqtol*⁵. A soma dos doze verbos seria referência “à perfeição litânica dos doze atributos divinos” (RAVASI, 2008, p. 934).

5. “restabelece”: verbo *‘awad* no *poel yiqtol*; “torce”: verbo *‘awat* no *piel yiqtol*; “reina”: verbo *malak* no *gal yiqtol*.

Curioso é o Sl 146 se referir ao reinado do SENHOR somente no último versículo, quando diz: “o SENHOR reina” (Sl 146,10a). Alguns salmos iniciam com o sintagma “o SENHOR reina” (cf. Sl 93; 97; 99), e todo o conteúdo desses salmos corroboram o que é anunciado no sintagma, ou seja, revelam que, de fato, tudo remete ao reinado do SENHOR. É semelhante à dinâmica do Sl 146. Contudo, a frase “o SENHOR reina” (Sl 146,10a) pode ser entendida como o vértice do Sl 146, revelando de modo poético e bem composto que aquele que age (Sl 146,6-9) é o SENHOR, verdadeiro rei.

Cabe, ainda, uma consideração sobre a sequência de verbos participípios do Sl 146. O verbo participípio tem aspecto atemporal. Por isso, seu emprego valida a opção de traduzi-lo no passado, presente ou futuro (JOÛN; MURAOKA, 2009, p. 121). E, além de apontar para uma ação propiciada pelo SENHOR, o participípio qualifica o sujeito que rege o verbo, transforma a ação em título para o sujeito da ação: aquele que cria é o criador, o que liberta é o libertador, o que ama é o amante...

Por isso, conclui-se: os verbos participípios empregados no Sl 146,6-9 não apontam somente para as ações do SENHOR, mas também proclamam verdades sobre Ele através de títulos ou metáforas: é o “criador” (v. 6a), “que faz” de justiça (v. 7a), “libertador” (v. 7c), “protetor” (v. 9ab), entre outros.

As metáforas são como nomes que Israel tem para facilitar o acesso ao SENHOR, o sujeito dos verbos e que, *per se*, é infinitamente indescritível. Elas salvaguardam a infinita grandeza compreendida no Nome (*shem*).

Ao chamar o SENHOR como “criador”, por exemplo, apresenta-o como aquele que age segundo este nome. Compreende-se, assim, a valorização da ação do SENHOR, pois o discurso primário do povo sobre o SENHOR está organizado em base a orações verbais (BRUEGGEMANN, 2007, p. 251-256).

Portanto, ao dizer “[o SENHOR] dá pão para os famintos”, o Sl 146,7b destaca uma situação existencial do povo hebreu. Considerando o exílio como contexto desse salmo, esta e as demais afirmações ganham muito peso, e exageram o paradoxo entre o poder dos nobres e o poder do SENHOR: eles podem até prometer, mas não são dignos de confiança. Porém o SENHOR sim, conserva sua fidelidade dando alimento para quem tem fome.

Fora dito que o fato de o Sl 146 destacar a criação como a primeira ação do SENHOR realça a fé de Israel e que o conteúdo relacionado à criação está vinculado a questões concretas. Mas também propõe uma responsabilidade para o mundo, enquanto criação do SENHOR, pois não pode ser digno de fé que os malvados (Sl 146,9c) utilizem da criação para fins que destroem o ser humano excluindo-o do acesso de algo tão básico como o alimento.

A propósito, a paranomásia (SCHÖKEL, 1987, p. 47-49; WATSON, 1986, p. 239-241) entre *y'wdd* (v. 9b) e *y'wt* (v. 9c) indica ao lado de quem o SENHOR

está e como age: “o órfão e a viúva ele sustenta, restabelece (*y^e’oded*), mas o caminho dos malvados torce (*y^e’awut*)” (Sl 146,9bc). Outra ressalva: no v. 9b o verbo *’awat* é empregado na forma intensiva *piel*, ou seja, a situação não parece nada boa para os malvados!

Também é digno de nota o equilíbrio resultante das ações do SENHOR, caracterizadas pelos doze atributos divinos comentados acima. Nesse sentido, o Sl 146 chamaria a atenção da sociedade para todos os grupos vulneráveis: os injustiçados, encarcerados, doentes, imigrantes, órfãos, viúvas...

Portanto, se há fome significa que não há equilíbrio nem encontro entre os seres humanos, criaturas do SENHOR. Existe, por outro lado, a divisão: a unidade da criação está rompida a ponto de um irmão prejudicar outros, privando-os do mais elementar: o alimento.

4. Considerações finais

O Sl 146 revela a impossibilidade de se pensar em um louvor etéreo. Junto à falta de cuidado com órfão, viúva e o imigrante (Sl 146,9ab), diante da face da injustiça (Sl 146,7a) e de outros problemas o salmista eleva o louvor ao SENHOR por causa de problemas superados. Portanto, a ordem é existencial, não das ideias.

Assim, há no Sl 146 o reconhecimento do SENHOR como aquele que dá o alimento e propicia a superação de uma situação de fome, pois já o livro do êxodo apresenta esse paradigma de um Deus capaz de, diante do sofrimento de seu povo, ver, escutar, conhecer e descer para fazê-lo subir (cf. Ex 3,7-8).

Além disso, ao afirmar que não se deve confiar nos nobres (Sl 146,3) e, mais tarde, asseverar que o SENHOR torce o caminho dos malvados (Sl 146,9c), o Sl 146 sugere a necessidade de questionar duas realidades que, infelizmente, coexistem: a riqueza/abundância e a fome.

Não é à toa que o Sl 146,3a emprega o termo *bin^edibîm* (“nobres”), que também pode ser traduzido por “poderosos” para se referir àqueles nos quais “não há salvação”. Não significa que o caminho da salvação está fechado para estes, mas que suas ações não são salvíficas, ou seja, eles não agem proativamente em favor dos famintos.

De fato, há, na atualidade, poderosos do sistema agrícola que, produzindo o alimento como mercadoria, expõem a esquizofrenia do sistema: por um lado, produz-se muito alimento, mas por outro lado multiplicam-se os famintos.

É claro que “fome” é sinal de vida, pois retrata um organismo que busca manter-se vivo. É um processo normal! Mas ao se deparar com cerca de 800 milhões de pessoas (dados da FAO) que padecem de fome crônica, há aproximadamente 2 bilhões de subnutridos no mundo, constata-se que o pecado está presente, pois a harmonia da criação fora rompida.

Como reflete o Papa Francisco, já é passada a hora de deixar a mercantilização dos recursos naturais e propor a retomada de uma visão teocêntrica da criação, pois aí todos, *até os seres humanos*, serão valorizados em si mesmos e, portanto, serão cuidados e terão acesso até mesmo ao alimento, algo tão elementar para a subsistência.

Se ainda se morre de fome, como é possível rezar o Sl 146? Excluindo o v. 7b? Esse questionamento é um grito aos ouvidos e olhos do orante atual, pois há na oração do Saltério a dinâmica sempre viva da apropriação, a capacidade de tomar aquela oração do Saltério como uma oração pessoal dirigida ao SENHOR (SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 58, 66), numa verdadeira democratização da experiência com o SENHOR: o orante reza *panin 'el-panim* (face a face) com o SENHOR e é provocado a agir de modo semelhante.

O Sl 146 também provoca uma reflexão sincera sobre o uso do poder, pois atesta que o poderio do reinado do SENHOR não se caracteriza por um “mais para si mesmo”, mas por um “mais pelo outro”, principalmente àquele que passa fome.

Como o canto dos “pobres do SENHOR” (RAVASI, 2008, p. 931) que devotam nele toda a sua esperança, o Sl 146 também pode ser o canto daqueles que não querem estar do lado dos malvados (Sl 146,9c), os quais terão seus caminhos retorcidos. Estar do lado do SENHOR pede de cada fiel o comprometimento pelo equilíbrio na criação, colaborando na promoção desse bem que é o mais básico e sacia a fome: o alimento.

Referências

- BRUEGGEMANN, W. *Teología del Antiguo Testamento: un juicio a Yahvé*. Salamanca: Sígueme, 2007.
- CARL, W. Psalm 146. *Interpretation*, v. 48, n. 2, p. 166-169, apr. 1994.
- De CLAISSÉ-WALFORD, N. Psalm 146: the Lord will reign for all time. In: De CLAISSÉ-WALFORD, N.; JACOBSON, R.A.; TANNER, B.L. (orgs.). *The book of Psalms*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.
- GUNKEL, H. *Introducción a los Salmos*. Valência: Edicep, 1983.
- HOSSFELD, F.L.; ZENGER, E. *A commentary on Psalms*. Vol. III. Minneapolis, Minnesota: Fortress Press, 2011.
- JOÛN, P.; MURAOKA, T. *Gramática del hebreo bíblico*. Navarra: Verbo Divino, 2009.
- KIM, J. The strategic arrangement of royal psalms in books IV-V. *Westminster Theological Journal*, Philadelphia, v. 70, p. 143-157, 2008.
- KRAUS, H.J. *Los Salmos*. Vol. II. Salamanca: Sígueme, 2014.

- LONGMAN III, T. Form criticism, recent developments in genre theory, and the Evangelical. *Westminster Theological Journal*, Philadelphia, v. 47, n. 1, p. 46-67, 1985.
- LORENZIN, T. *I Salmi*. Milano: Paoline, 2001.
- LUGT, P. *Cantos and strophes in biblical Hebrew poetry III: Psalms 90-150 and Psalm 1*. Boston: Brill, 2014.
- MARTTILA, M. *Collective reinterpretation in the Psalms: a study of the redaction history of the Psalter*. Tübingen: Germany, 2006.
- RAVASI, G. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. Vol. III. Bologna: Dehoniane, 2008.
- SCHÖKEL, L.A. *Manual de poética hebrea*. Madri: Cristiandad, 1987.
- SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos (1-72): tradução, introdução e comentário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- SILVEIRA, R.G. *A soberania universal de YHWH: análise exegética do Salmo 96*. 2017. 103 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Bíblica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.
- TORQUATO, R.P. *Malkut Adonaj: uma leitura do Sl 145 no horizonte da Torá davídica*. Roma: Carmelitane, 2009.
- VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 2006.
- WATSON, W.G.E. *Classical Hebrew poetry: a guide to its techniques*. Trowbridge, Wiltshire: JSOT, 1986.
- WILSON, G.H. The structure of the Psalter. In: JOHNSTON, P.S.; FIRTH, D.G. (Ed.). *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Downers Grove, Illinois: Inter Varsity, 2005.
- ZENGER, E. Das Buch der Psalmen. In: ZENGER, E. (org.). *Einleitung in das Alte Testament*. 9. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 2016.

Rogério Goldoni Silveira
Rua Alcides Munhoz, 190 – Mercês
80810-040 Curitiba, PR
freiroger@yahoo.com.br